

O que podem as in(ter)venções audiovisuais das juventudes?

Mobilizar afetos, fazeres e saberes científicos-comunitários¹.

Deisimer Gorczewski²

Maria Fabíola Gomes³

Sabrina Késia de Araújo Soares⁴

Maria Evilene de Sousa Abreu⁵

Resumo:

Ao propor acompanhar as in(ter)venções audiovisuais das juventudes, em territórios de criação e resistência, o estudo sugere um olhar atento aos encontros e modos de partilhar experiências acadêmicas e comunitárias. A cartografia e seus desdobramentos teórico-metodológicos – produção de conhecimento-subjetividade em rodas de conversa e mostra audiovisual – provocam implicação constante, desde a escolha do Titanzinho, território geográfico e afetivo, na cidade de Fortaleza. Ao mapear, analisar e fazer circular produções audiovisuais, que tratam de visibilizar modos de ser e habitar a comunidade e a universidade constata-se a presença de intercessores mobilizados e mobilizadores de afetos, fazeres e saberes artísticos e comunicacionais incidindo e fazendo emergir expressões do sensível e práticas micropolíticas.

Palavras-Chaves: juventudes; audiovisual; amizade; comunidade; universidade.

Introdução

A cidade de Fortaleza vem expandindo suas redes de criação, produção, circulação e, em especial, a formação audiovisual, desde os anos 2000. Exemplos podem ser reconhecidos nos projetos da Escola do Audiovisual da Vila das Artes, coordenada pela Prefeitura Municipal de Fortaleza, em cursos de graduação em universidade privadas e, mais recentemente, na criação do curso de graduação em cinema e audiovisual, na Universidade Federal do Ceará. Também as redes de circuito comunitário, a partir dos projetos de associações culturais, organização não governamentais e coletivos autônomos crescem e afirmam ações de formação audiovisual.

Na Pesquisa In(ter)venções Audio-Visuais das Juventudes, em Fortaleza⁶, realizamos aproximações com experiências de projetos culturais e comunicacionais, com

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação para a Cidadania do IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Fortaleza/CE. 2012.

² Pesquisadora e Professora no Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Instituto de Cultura e Arte. Universidade Federal do Ceará – UFC. deisimer@gmail.com

³ Graduanda em Cinema e Audiovisual na Universidade Federal do Ceará –UFC. Bolsista PIBIC-FUNCAP. fabiola.cine@gmail.com

⁴ Graduanda em Comunicação. Faculdade Integrada do Ceará – FIC. sabrina.k.s@hotmail.com

⁵ Graduanda em Comunicação. Faculdade Integrada do Ceará – FIC. evilenesousa@hotmail.com

⁶ A pesquisa acontece em Fortaleza e Porto Alegre, simultaneamente, sendo amparada no Grupo de Pesquisa da Relação da Infância, Juventude e Mídia – GRIM, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, na Universidade Federal do Ceará – UFC, em parceria com o Grupo de Pesquisa Educare:

ênfase, no audiovisual. Entre as muitas referências destacamos o projeto Farol da Memória, na Associação dos Moradores do Titanzinho, a Escola de Mídia, coordenada pela Ong Aldeia, o projeto Olho Mágico, criado por um coletivo de jovens estudantes de comunicação. E, mais recentemente, o trabalho realizado com jovens do Movimento Sem Terra – MST com a coordenação da Ong Acartes - Academia de Ciências e Artes, sem esquecer experiências anteriores como da TV Janela e do Alpendre – Casa de Arte, Pesquisa e Produção, todos em distintos bairros, da cidade.

No acompanhamento de processos de criação e intervenção audiovisual, em territórios científicos e comunitários, percebem-se, primeiramente, as aproximações entre jovens universitários e produtores e realizadores audiovisuais participantes de projetos sociais e culturais em Associações Comunitárias, ONGs e coletivos autônomos. Entre eles, muitos de origem popular e recém-ingressos na Universidade.

Sabe-se que esse processo de ingresso tem sido progressivo, mesmo que os dados apontem para números ainda muito a quem do que se deseja⁷. O que se constata é que o cotidiano de alguns desses jovens vem sofrendo transformações através das combinações de alguns aspectos: experiências universitárias, comunitárias, comunicacionais e artísticas. O percurso feito por eles, não obedece a uma lógica, porém, os apontamentos que se tem, é de que todos os aspectos, citados anteriormente, acabam influenciando nesse processo.

A trajetória de jovens de origem popular para ingressar em instituições de ensino superior, acaba se configurando como um grande desafio, a começar pelas escolas que oferecem aos estudantes o mínimo em infraestrutura além de professores com frágil formação e péssimas remunerações. Passada essa etapa, iniciam-se as tentativas de ingressar nas universidades públicas através do vestibular, processo esse que além de competitivo, acaba sendo excludente, como afirmam Andrade et. al (2006).

Além dos problemas relacionados à educação, as juventudes são coagidas a dividirem os espaços que moram com outras dimensões de problemas, sobretudo a violência, que têm fugido ao controle das políticas públicas e se coloca como grande desafio. De acordo com o Mapa da Violência 2011, os jovens continuam sendo

Micropolíticas Juvenis. Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Também participam a ONG Camp e o Fórum de Educação – Feres, em Porto Alegre.

⁷ De 2000 para 2010, o percentual de jovens que não frequentavam escola na faixa de sete a 14 anos de idade caiu de 5,5% para 3,1%. As maiores quedas ocorreram nas regiões Norte, de 11,2% para 5,6% - que ainda é o maior percentual entre as regiões -, e Nordeste, de 7,1% para 3,2%. Fonte. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/home/> Acessado em 26 de junho de 2012.

protagonistas desse quadro, principalmente no que se refere a número de homicídios. Dos 18.321 homicídios que o Departamento de Informática do SUS (DATASUS) registrou em 2008, 36,6% corresponde a jovens, o que mostra que a vitimização juvenil alcança proporções graves. A situação piora quando se fala em jovens negros. Entre 2002 e 2008, o número de homicídios subiu de 11.308 para 12.749, representando um aumento de 13%.⁸

Assim como em outras grandes capitais, Fortaleza apresenta elevados números estatísticos no tocante a violência. De acordo com o Mapa da Violência 2011, considerando os anos de 1998 a 2008, Fortaleza era a 6º capital nordestina em números de homicídios entre jovens, apresentando 86,3%, e ocupando a 17º posição no ranking nacional.

Vale atentar que em meio aos alarmantes números relativos às dimensões da violência que envolve as juventudes, em Fortaleza, inúmeras iniciativas realizam caminho inverso. Nesse estudo, priorizamos situar pesquisas e intervenções realizadas entre jovens e universidade e, nesse sentido, cabe ressaltar projetos de extensão e pesquisa realizados em distintas áreas de conhecimento, na Universidade Federal do Ceará, em especial, pesquisa e intervenções propostas por coletivos compostos com a atuação de jovens.

Entre os projetos destacamos as experiências do Laboratório das Juventudes (Lajus), grupo de pesquisa sob a coordenação da professora Glória Diógenes⁹ que vem pesquisando a situação das juventudes de Fortaleza, dentro da perspectiva de aproximar narrador¹⁰ e pesquisador; o projeto Liga Experimental de Comunicação, programa de extensão da Universidade Federal do Ceará (UFC) sob a coordenação do professor Edgard Patrício. Em 2011, o programa desenvolveu o Palavras da Liberdade¹¹, encontro que discutiu temáticas relacionadas à comunicação, dentre elas juventudes. Outro projeto, o Círculo das Juventudes¹², também vem propondo o diálogo entre jovens universitários e jovens estudantes do ensino médio, na busca de aproximar os universos, experiências e vivências. O projeto é uma idealização do Laboratório de Estudos das Possibilidades de SER (LEPSE), coordenado pelos professores Francisco Cavalcante Jr e Tatiana Zylbergger.

⁸ Mapa da Violência 2011. Disponível em <http://www.mapadaviolencia.org.br/mapa2011.php> Acessado em 07.06.2012.

⁹ O estudo de Glória Diógenes também é referência bibliográfica nessa perspectiva de pensar a atuação dos jovens. DIÓGENES, G. **Cartografias da Cultura da Violência**: gangues, galeras e o movimento *hip hop*. São Paulo: Annablume, Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto, 1998.

¹⁰ Jovens

¹¹ Blog do Palavras da Liberdade <http://palavrasdeliberdadeufc.blogspot.com.br/p/liga.html>

¹² “O Círculo da Juventude é um projeto de extensão do IEFES - UFC e conta com o apoio das Pró-Reitorias de Extensão (PROEX) e de Assuntos Estudantis (PRAE) da UFC.

Neste estudo, apresentamos aspectos da pesquisa In(ter)venções Audio-visuais das

Juventudes, realizada em Fortaleza. A pesquisa tem como objetivo acompanhar processos de intervenções em áudio (rádio, música), visual (grafite e fotografia) e audiovisual das juventudes em territórios de criação, produção e circulação, na perspectiva de cartografar como os jovens (e seus coletivos) experimentam o poder de intervir e inventar, seja através de coletivos independentes, ONGs, ou através de alianças com instituições. Nesse sentido, a pesquisa lança a pergunta o que podem as in(ter)venções audio-visuais das juventudes?

Durante onze meses, a pesquisa In(ter)venções, por meio dos dispositivos de encontros tanto no coletivo de pesquisa formado por universitários (professores, bolsista e estudantes voluntários) como nas rodas de conversa, idas aos territórios de pesquisa e mostras audiovisuais, se aproximou do multiverso de jovens que possuem alguma atuação em coletivos autônomos, organizações comunitárias e ONGs de Fortaleza. Seis desses jovens trouxeram marcantes falas que revelaram como foi sendo construído o caminho percorrido por eles, caminhos esses repletos de desejos, escolhas e aproximações com outros multiversos diferentes dos vivenciados cotidianamente. Cada um com suas subjetividades e vontades, sustentados pelas redes de amizades iniciadas e/ou fortalecidas durante esse percurso. Nesse sentido, a compreensão de amizade parte das proposições de Deleuze, em entrevista concedida a Claire Parnet¹³ que compreende como sendo um ato de partilha do que se sente e do que se vive no cotidiano.

Desta maneira, os amigos, os vizinhos, os participantes do coletivo, das redes, organizações e instituições que os jovens integram sustentam as experiências e ações vividas por cada um, que fazem uso das expressões artísticas, comunicacionais e comunitárias, para criarem imagens de si, de suas comunidades e do mundo. As comunidades são compreendidas na visão de muitos jovens, não apenas como espaços de moradia, mas, sobretudo o lugar onde podem expressar angústias e vontades por meios de outras linguagens sem temor de olhares indiferentes, pois todos os inseridos nesses espaços vivenciam e comungam desse mesmo cotidiano. Bauman (2007) coloca que a comunidade é mais que local de pertença, é onde os indivíduos sentem-se seguros de qualquer ameaça coercitiva.

¹³ Entrevistas que compõe o Abecedário de Deleuze realizadas por Claire Parnet e filmadas nos anos 1988-1989, com a realização de Pierre-André Boutang e produzida pelas Éditions Montparnasse, Paris. No Brasil, foi divulgado pela TV Escola, Ministério da Educação.

Fabiana, Sofia, Danilo, Pedro, Nina e Sandra¹⁴, seis trajetórias que nos levam a observar algumas coincidências na vivência cotidiana, dentre elas o que se refere aos espaços de moradia e as expressões do desejo de aproximar suas comunidades da universidade e vice-versa. Esses seis jovens realizam percursos que entrelaçam processos artísticos (sobretudo o audiovisual) e comunicacionais e, de maneira singular, experienciam modos de ser e habitar territórios comunitários, antes mesmo de ingressarem em instituições de ensino superior, o que Passos (2003) chama de fazer/saber, processo que presume a experiência do mundo, o conhecer a partir do caminhar. A fala¹⁵ de Sandra evidencia o desejo de realizar esse percurso: *“eu moro no Morro de Santa Terezinha, ainda não faço faculdade, mas pretendo fazer, quero fazer cinema”*.¹⁶

E, por outro lado, também encontramos jovens que realizam o percurso inverso, ingressando nas instituições de ensino superior e, a partir de experiências em projetos de extensão, por exemplo, passam a estabelecer uma relação com suas comunidades. Momento em que emergem questões disparadas nas experiências em territórios acadêmicos, o que Passos (2003) chama de saber/fazer. A fala de Fabiana apresenta um desses momentos em que são disparados fazeres nesses territórios:

“Eu estava estudando na UECE, fazendo Letras lá e aí tinha uma professora que... eu lembro muito bem disso. Eu assisti a uma palestra dela, onde ela falava e tudo, e um dos projetos dela era que ela queria levar a leitura instrumental do francês pro Titanzinho, usando termos do Titanzinho. Quando terminou a palestra eu fui falar com ela... e eu disse professora eu moro lá. Então nem ela sabia que eu morava lá, e eu também não sabia que ela tinha esse projeto lá, e é a partir desse momento que eu entro na Associação, porque até então eu não tinha nenhum envolvimento com movimentos do bairro, embora eu sempre tenha morado lá” (Narrativa de Fabiana, na V Roda de Conversa realizada em abril de 2012.)

¹⁴ Nesse estudo foram escolhidos nomes fictícios para todos os jovens que narram suas experiências e para aqueles citados por esses participantes da pesquisa.

¹⁵ As narrativas e relatos de campo, realizados neste artigo, foram produzidos entre setembro de 2011 e abril de 2012. As falas foram transcritas e os relatos escritos por integrantes do coletivo In(ter)venções e, nesse estudo, serão indicadas em itálico.

¹⁶ Outra fala, agora de Nina, que também participou de uma das Rodas de Conversa, evidencia ainda mais esse desejo de estudar na universidade: “Eu quero fazer uma faculdade de comunicação, mas nem por isso eu quero parar de estudar, eu quero continuar, eu acho que eu quero ficar bem velhinha e ainda quero ficar estudando. Quero fazer um monte de coisas. Quero fazer comunicação, quero fazer história, quero fazer... Quero fazer psicologia, então... Não vou parar de estudar nunca. Eu quero trabalhar com audiovisual. Desse tempo já eu era apaixonada por fotografia, eu era um das poucas que entrava na *lan house*, eu sempre parava em site assim de fotografia, de vídeo, muitos sites.. (Nina, jovem entrevistada por Tayce Bandeira, em 2010. BANDEIRA. Tayce M. F. “Escola de Mídia. Projeto da Ong Aldeia, em Fortaleza. Experiências em Educomunicação na Vida de Jovens Moradores do Mucuripe”. Monografia, defendida no curso de Jornalismo. UFC. 2011.

Diante destas intervenções realizadas pelos jovens em suas comunidades bem como nas universidades, pensamos que a aproximação de multiversos, em alguns casos, antagônicos tem propiciado o acesso a outros espaços da cidade, contribuindo com a produção de conhecimento em cidadania, comunicação e educação¹⁷.

Assim, é pertinente cartografar os desejos e vontades que mobilizam os jovens a experienciarem outras linguagens, como o audiovisual, na tentativa não só de inventar a si, mas também de intervir e inventar realidades, “outros mundos possíveis” fazendo isso em coletivos autônomos, redes, organizações e/ou alianças com instituições.

O uso da cartografia nos dá dinamicidade e abri possibilidades imprevisíveis, pois os caminhos emergem ao caminhar. Diante dessa perspectiva, afirmamos a possibilidade de experienciar o inventivo e o afetivo como dimensões potenciais na produção de subjetividade juvenil e nos processos de singularização dos jovens envolvidos na pesquisa. E, assim, a cartografia deve ser praticada, como afirma Kastrup (2008), tendo como ideia central o exercício de pesquisar com e não sobre algo.

As relações entre amizade, coletivo e comunidade nos encontros das juventudes

Nesse estudo, a compreensão do termo amizade passa pela proposição apresentada por Gilles Deleuze, em especial, na entrevista concedida a Claire Parnet onde questiona: “Por que se é amigo de alguém?”. Na conversa Deleuze afirma: “Para mim, é uma questão de percepção. Não o fato de ter ideias em comum”. E, em seguida volta a questionar: “O que quer dizer “ter coisas em comum com alguém?””. Ao problematizar a relação de amizade o autor sugere um distanciamento das concepções simplistas que nos levam a pensar em termos de ideias em comum. Em suas palavras:

Não é a partir de ideias em comum, mas de uma linguagem em comum, ou de uma pré-linguagem em comum. Há pessoas sobre as quais posso afirmar que não entendo nada do que dizem, mesmo coisas simples como: “Passe-me o sal”. Não consigo entender. E há pessoas que me falam de um assunto totalmente abstrato, sobre o qual posso não concordar, mas entendo tudo o que dizem. Quer dizer que tenho algo a dizer-lhes e elas a mim. E não é pela comunhão de ideias. Há um mistério aí. Há uma base indeterminada... É verdade que há um grande mistério no fato de se ter algo a dizer a alguém, de se entender mesmo sem comunhão de ideias, sem que se precise estar sempre voltando ao assunto. (...) Alguém emite signos e a gente os recebe ou não. Acho que todas as amizades têm esta base: ser sensível aos signos emitidos por alguém. A partir daí, pode-se passar horas com

¹⁷ No mês de março de 2012, o coletivo da Pesquisa In(ter)venções recebeu convite para participar da Semana de Porto Alegre, mais precisamente, do Projeto Na Boa em PoA – Aquecendo o Democracine. No painel: “A Produção Audiovisual como ferramenta de democracia”, participaram três integrantes, entre elas Sandra e Fabiola - que, além do evento promovido pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre, também conviveram, durante uma semana, visitando projetos como o Lente Jovem, coordenado pela ONG Camp, a Fundação Luterana de Diaconia e o coletivo de pesquisa PET-Conexões, na UFRGS.

alguém sem dizer uma palavra ou, de preferência, dizendo coisas totalmente insignificantes. Em geral, dizendo coisas....

Ao longo da pesquisa In(ter)venções, constata-se a relevância das relações de amizade, parentesco e vizinhança que operam para mobilizar experiências e alianças entre e com jovens. Os laços de afeto acontecem em distintas modalidades de convívio. Percebem-se, primeiramente, as aproximações entre os jovens universitários nos encontros do coletivo de pesquisa, jovens que estudam em diferentes cursos – cinema e audiovisual, jornalismo, publicidade e dança - no Instituto de Cultura e Arte, graduandos, graduados, mestrandos e professores que realizam intervenções com outros jovens em distintos territórios e modos de organização, na cidade de Fortaleza.

No trajeto da pesquisa-intervenção acontecem outras aproximações alargando as possibilidades de encontros e alianças políticas e afetivas entre distintas (e nem tanto) juventudes. Com o dispositivo das Rodas de Conversa configuramos espaços de criação e intercessão entre o coletivo de pesquisa e nossos convidados – pesquisadores, profissionais, coordenadores de projetos comunicacionais e artísticos, jovens produtores audiovisuais, artistas/ativistas autônomos ou que atuam em organizações sociais e culturais, associações comunitárias e outras instituições. Nas rodas propomos conversar sobre as processualidades da pesquisa-intervenção com as juventudes, suas experiências de intervir e inventar em audiovisual, bem como a análise crítica das produções e outros materiais de expressão.

As experiências na realização das Rodas de Conversas sugerem contribuições, inclusive, para pensarmos na expansão do conceito de amizade, incidindo na produção de subjetividade, agora, a partir da compreensão de coletivo não mais restrito ao convívio de pessoas e suas individualidades, a partir de um objetivo, ou mesmo, uma “ideia em comum”, ou ainda, a relação entre indivíduo e coletivo.

A subjetividade não se refere à individualidade e, menos ainda, a ideia de “Indivíduo”, conceito que ganha força desde, pelo menos, o século XVIII. Também não está se falando de uma identidade coletiva e a relação com identidades individuais, essa muito presente no senso comum tendo sido instaurado com a caracterização de “Individualismo”. Com um caráter polifônico, múltiplice e em constante transformação a subjetividade não se reduz ao indivíduo, é da ordem da produção, fabricada e modelada no registro do social, do material.

Para a Esquizoanálise a produção da fala, da escrita, das imagens, sonoridades, da sensibilidade, a produção do desejo não está acoplada a um tipo representação do indivíduo.

Nessa perspectiva, trata-se de pensar coletivo “no sentido de uma multiplicidade que se desenvolve para além do indivíduo, junto ao *socius*, assim como aquém da pessoa, junto a intensidades pré-verbais, derivando de uma lógica dos afetos mais do que de uma lógica de conjuntos circunscritos”. (GUATTARI, 1992, p. 20). O uso desse termo “implica também entrada de diversas coleções de objetos técnicos, de fluxos materiais e energéticos, de entidades incorporais, de idealidades estéticas, etc.” (GUATTARI, ROLNIK 1996, p. 319).

Na pesquisa e, em especial, nas Rodas de Conversa nos perguntamos: Como construir estratégias metodológicas que propiciem conhecer o que é vivido nos coletivos juvenis, sendo eles a partir de experiências acadêmicas, comunitárias, comunicacionais e artísticas e, em especial, nos territórios das juventudes e, no processo de acompanhamento, observar como esses novos desafios tem sido enfrentado nas práticas de pesquisa, ensino e extensão.

Ao ampliarmos a noção de coletivo e, ao mesmo tempo, trazermos a proposição de “territórios das juventudes” emergem questões justo dos encontros entre distintos modos de ser jovem e habitar a cidade que, para além da geografia, se apresenta com dimensões políticas, cognitivas, estéticas e afetivas.

Nos encontros do coletivo de pesquisa e nas Rodas de Conversa iniciamos o mapeamento dos possíveis territórios da pesquisa. Neste estudo, também a noção de território apresenta sentido alargado.

O território pode ser relativo tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema percebido no seio do qual um sujeito se sente “em casa”. O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma. Ele é o conjunto dos projetos e das representações nos quais vai desembocar pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços, culturais, estéticos, cognitivos (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 323).

Ao constituirmos um primeiro mapa das intervenções – a partir das experiências dos pesquisadores, professores e estudantes (bolsista e voluntários) e de suas redes de conversação, na cidade de Fortaleza, passamos a delinear critérios de escolhas. A cada apresentação alguns acontecimentos foram apontando as “forças e intensidades” de cada possível território, em especial, aqueles onde jovens expressam seus modos de intervir e inventar com as tecnologias da imagem e sonoridade.

Nessa perspectiva, iniciamos a descrição do percurso trazendo, brevemente, os passos realizados na pesquisa, desde a escolha do território de intervenção, mais

precisamente, o coletivo de jovens que atua na Associação dos Moradores do Titanzinho, situada no bairro Serviluz, em Fortaleza¹⁸a.

Situar o território da pesquisa a partir da atuação de jovens na direção de uma associação comunitária sugere a necessidade de problematizar o modo de conceber “comunidade”¹⁹. Num primeiro estágio, o termo sugere um conjunto harmônico, de acordo com o significado da palavra, ou seja, comum-idade, mas na concepção desse estudo o termo “comunidade” representa o inverso. A comunidade é vista como uma multiplicidade de formas de produção de movimentos heterogêneos que se desestabiliza e se transforma.

De um modo geral, o termo “comunidade” vem sendo definido como um agrupamento de pessoas que vivem em uma determinada área geográfica ou território (rural e urbano), cujos membros têm alguma atividade, interesse, objetivo ou função em comum, com ou sem consciência de pertencimento, e de forma plural, com múltiplas concepções ideológicas, culturais, religiosas, étnicas e econômicas. Esse tipo de conceito é bastante amplo, então será necessário fazer alguns ajustes. Nesse estudo, busca-se analisar esse conceito a partir da participação em distintos coletivos, das práticas micropolíticas e das relações de afeto, amizade e vizinhança.

Nos estudos de Barbalho (2006) a análise aponta a presença de “uma política da amizade” em ação entre jovens e seus encontros com os processos de criação e produção audiovisual. O autor, a partir de suas leituras de Francisco Ortega (2000), afirma que se “trata da experimentação de novas formas de sociabilidade que retraçam e reinventam o político diante da despolitização e do esvaziamento do espaço público” (2006, p. 13).

Na Associação dos Moradores do Titanzinho, os jovens vivem a experiência de apoiar as ideias uns dos outros e trabalhar para que elas aconteçam ao mesmo tempo em que tentam manter alianças antigas com outras instituições para efetivar a vivência dessas ideias, buscam também novas alianças que visam agregar mais jovens e amigos aos movimentos comunitários e culturais, de forma autêntica e inovadora. Essas experiências

¹⁸ Fortaleza é a quinta maior cidade do Brasil e possui uma população atual de 2.315.116, segundo o censo de 2010. Uma de suas comunidades mais conhecidas, mesmo internacionalmente, por conta do surf, é a comunidade do Titanzinho, uma subdivisão do bairro Serviluz, ao Nordeste da cidade. Aqui moram cerca de 20 mil habitantes, muitos idosos e jovens que já tiveram contato com algum produto áudio-visual para produzir ou ter apresentada a vida ou algum aspecto dela.

¹⁹ Os aspectos relacionados ao termo “comunidade” trazem uma releitura com acréscimos ao item “Comunidade ou Comunidades” apresentado no estudo de GORCZEWSKI, Deisimer. Micropolíticas da Juventude e Visibilidades Transversais: In(ter)venções audiovisuais, na Restinga em Porto Alegre. Tese de doutorado. Pós Graduação em Ciências da Comunicação. Unisinos. 2007.

podem ser observadas no processo de criação e realização da Mostra Audiovisual do Titanzinho, a ser apresentada, posteriormente.

A perspectiva tradicional concebe “comunidade” levando “em si a fantasia da unidade, da uniformidade, da ilusão, da perspectiva dos elementos serem profunda e absolutamente solidários, cooperativos e coesos” (PEREIRA, 2001, p. 146). Nessa concepção, o conflito, a contestação, a crítica, a mudança de qualquer valor, muitas vezes são vistos como deslealdade, trazendo inúmeras dificuldades à convivência. Assim sendo, a diferença, a diversidade, não pode se expressar e, num processo extremo, pode avançar para o que Pereira (2001) denominou de um “movimento totalitário”.

No cenário urbano, podemos observar certa complexidade de tendências pautando as relações sociais e comunitárias. Por um lado, experimentamos o enfraquecimento dos laços sociais e o desaparecimento de gestos solidários e cooperativos, tornando os seres humanos cada vez mais indiferentes (BAUMAN, 2001, 2003). Os modos de vida são fortemente afetados por valores individualistas e competitivos, e as atitudes de solidariedade, ética e respeito estão sendo deixados de lado ou, na melhor das hipóteses, fazem parte de um discurso distanciado do viver cotidiano. Paradoxalmente vê-se, nesse mesmo contexto, florescer a ideia do encontro de pessoas, grupos, instituições, inclusive sociais, nas denominadas comunidades virtuais (PERUZZO, 2002; PAIVA, 2001).

Nessa tentativa de recortar tendências do termo “comunidade”, traz-se ainda para este estudo a ideia que o toma como um dispositivo aberto, heterogêneo, em processualidade permanente, produção e decomposição de novas ordens, de puro caos, de novos encontros de pessoas, ideias, projetos, desejos, onde persistem a multiplicidade, a singularidade e a articulação entre o todo e a exceção (PEREIRA, 2001).

Estes aspectos, entre outros, serão problematizados na análise das falas dos jovens, suas narrativas da vida no bairro e as experiências no processo de participação em coletivos, associações, projetos sociais e culturais em ONG’s, bem como nas experiência de criação, produção e circulação de suas produções de imagens e sonoridades.

As narrativas dos jovens e suas in(ter)venções comunitárias e científicas

No exercício de escuta das narrativas dos jovens foi possível conhecer um pouco do percurso realizado antes e durante a formação dos coletivos, como os jovens se apropriam do fazer com as linguagens visuais e sonoras inventando outros modos de expressão artística e comunicacional. As falas de dois desses jovens - Sandra e Pedro - traduzem esse

percurso a territórios novos capazes de proporcionar fazeres e saberes, em alguns casos, destoantes do que se vivencia nas periferias de nossas cidades.

Eu conheci a Aldeia²⁰ a partir do colégio Bárbara de Alencar... eu estudava lá no segundo ano e aí vieram com essa proposta, chamava escola de mídia. Assim.. de início eu me interessei porque eu nunca tive nenhum contato..nem sabia o que era ... aí tipo teve uma seleção, depois da seleção a gente teve aula de roteiro, de produção, de câmera, desenvolvemos alguns ... foi muito legal, foi bem bacana ... foi uma coisa em que eu me encontrei... Não quero fazer isso, quero trabalhar com isso. Depois que eu entrei na Aldeia, eu passei a olhar o bairro e o próprio audiovisual de uma forma diferente, hoje eu tenho uma visão mais crítica de tudo o que acontece, e isso só aconteceu depois da Aldeia. (Sandra, transcrição da fala na II Roda de Conversa, em agosto de 2011).

Conheço a Acartes²¹ desde criança, sabia mais ou menos o trabalho do pessoal de lá. Então surgiu a oportunidade de fazer um curso de formação, eu me interessei e fiz juntamente com alguns amigos. Gostei muito e continuei lá até hoje como monitor. Através da Acartes eu conheci outras experiências abri minha visão pra algumas coisas que não entendi. (Pedro, transcrição da fala na III Roda de Conversa, em setembro de 2011)

A fala inicial dos dois jovens apresenta o papel dessas instituições em ampliar as possibilidades criativas e inventivas dos que vivem em comunidades periféricas, aponta também como esses jovens acabam se aproximando dos coletivos e organizações sociais e culturais locais e, ao mesmo tempo, compondo seus territórios, além de como esses novos multiversos são capazes de fazer pensar as relações com os territórios habitados. As falas sugerem pistas de como esses jovens tomam o audiovisual em suas práticas e modos de expressão, no cotidiano, como incorporam tais práticas como algo que querem fazer com periodicidade. Quando Nina afirma: “*Não quero fazer isso, quero trabalhar com isso*”, percebe-se a força de experiências que movem desejos e projetos de vida.

Amizades emergem dessas experiências ampliando e fortalecendo modos de conhecer-viver singulares e coletivos. A fala de Nina apresenta aspectos do que se poderia chamar de cumplicidade no convívio, em projetos sociais e comunicacionais.

²⁰ Configurada como uma organização não-governamental sem fins lucrativos, a ONG foi fundada no ano de 2004 e atua no Grande Mucuripe (periferia de Fortaleza), uma área geográfica que abrange cerca de seis bairros e mais de uma dezena de comunidades. A sede da ONG funciona no Morro de Santa Terezinha.. Em 2009 tornou-se Pontão de Cultura Digital através do edital do Ministério da Cultura - MINC, passando a trabalhar em todo o Estado do Ceará, na articulação dos Pontos de Cultura do Estado.

²¹ A ACARTES (Academia de Ciências e Artes) é uma organização da sociedade civil criada em 2002 no bairro Pirambu (periferia de Fortaleza), por remanescentes de antigos movimentos culturais do bairro, como o Movimento Cultural e Político do Pirambu (Mocupp), Centro de Ativação Cultural (CAC) e o Centro Popular de Cultura (CPC). A organização desenvolve ações de formação em cinema e vídeo, artes plásticas, teatro de palco e de bonecos para jovens e adolescentes da região. Em 2004, a ONG foi selecionada pelo Ministério da Cultura, por meio da Secretaria de Programas e Projetos Culturais, para ser um Ponto de Cultura, aumentando de 40 para 150 o número de jovens beneficiados. Em 2010, através de uma parceria, com o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária do Ceará (INCRA/CE) está realizando oficinas de audiovisuais para 25 jovens de 12 assentamentos rurais do MST do Ceará.

A Clara²² me ajudou muito quando eu tava lá na escola de mídia, acho que só consegui porque ela me ajudou com o roteiro do “Todos São Francisco”, porque tudo bem que a ideia, a historia era minha, mas tinha muita coisa que era novo pra mim, é muito diferente você escrever um roteiro pra participar de um edital, tem muita coisa, muito detalhe e a Clara sempre me ajudou muito.

Assim, Nina foi construindo sua vivência com o audiovisual e com outras pessoas, que não necessariamente eram as pessoas do seu bairro. Clara, participante da ONG Aldeia, então passa a fazer parte desse multiverso de forma a partilhar conhecimentos e afetividades, tanto que Sandra a confia para realizar esse percurso de criação. Nesse sentido, essa relação passa a ser tomada por “uma genealogia da amizade como subjetivação coletiva e forma de vida, isto é, a criação de um espaço intermediário capaz de fomentar tanto necessidades individuais quanto objetivos coletivos” (ORTEGA, 1999, p.24).

Outra fala de Nina, revela como esse processo de criação e produção faz emergir questões ligadas a vida de cada jovem.

eu fiz assim um vídeo pequeno, o nome do vídeo é “Em nome da mãe” ... porque eu não tinha uma relação muito boa com a minha mãe, pra falar a verdade. Aí dentro desse vídeo que despertou esse olhar... conhecer um pouco mais de mim e da minha mãe e da minha família, porque assim “Todos são Francisco” surgiu disso , do “Em nome da mãe”, porque eu me conheço, eu sei quais eram as minhas dificuldades e não conhecia o meu pai e eu não sabia dos meus irmãos... Eu me surpreendi com eles, porque eu não sabia que fazia tanta falta, fiquei ... o vídeo todo... assim... meio que sempre tendo uma surpresa a cada dia... tendo uma surpresa ...tipo terminava tinha uma surpresa.

O que Nina vivencia passa a ser incorporado nas suas produções audiovisuais, como elas implicam na construção do mundo feitas pelos jovens. Como afirmar Guattari e Rolnik (1996,p.69) os processos de singularização estão relacionados aos modos como, em princípio, funcionam e se articulam os elementos que constituem “a maneira como a gente sente, como a gente respira, como a gente tem ou não vontade de falar, de estar aqui ou de ir embora”.

Também por meio das falas, podemos acompanhar o percurso de Fabiana, Sofia, Danilo até a Associação de Moradores do Titanzinho:

Eu não tinha interesse algum em participar da associação, aliás, eu nem queria, isso só aconteceu por conta da minha mãe que era envolvida e que em um dos anos acabou sendo a presidenta. Só que depois de um tempo lá, eu comecei a gostar daquilo e do que fazia. Quando a minha mãe era presidenta, a gente começou a observar que mais jovens passaram a participar das atividades e isso foi legal, foi quando vieram o Danilo e depois a Fabiana. (Sofia, transcrição da fala na VI Roda de Conversa, em abril de 2012)

²² Uma das monitoras da Escola de Mídia

Eu começo a participar das atividades da Associação, quando eu ainda tava na graduação. Muitas pessoas que estavam na academia, principalmente o pessoal do curso de História, começaram a pesquisar sobre a história do seu bairro e eu me senti instigado a conhecer o meu, porque eu morava lá desde criança, mas não conhecia como havia acontecido todo o processo do bairro, então eu começo a pesquisar durante a graduação, continuo com a pesquisa no mestrado e doutorado, mas é a partir desse início que eu passo a estabelecer uma ligação maior com esse espaço e com as histórias desse lugar. É bacana ver que muitas coisas boas acontecem no lugar, o surfe, o audiovisual, a própria fotografia, são coisas que tão vindo com muita força, pelo menos é que o que gente tem percebido. (Danilo, transcrição da fala na VI Roda de Conversa, em abril de 2012)

Eu chego até a Associação através do projeto de leitura instrumental. Eu já conhecia tanto o Danilo e a Sofia quando comecei a participar, mas só de vista, mas sabia quem era cada um. Esse momento lá na Associação foi de muito envolvimento dos jovens, cada um acabava fazendo alguma coisa, tinha muita gente por lá. Agora, já no cinema, eu volto novamente pra associação pra trabalhar com o audiovisual que é um movimento muito forte existente no bairro, que tem muitos realizadores. (Fabiana, transcrição da fala na VI Roda de Conversa, em abril de 2012)

Nas narrativas, as trajetórias singulares que se cruzam e passam também por experiências coletivas afirmam as implicações das relações de amizade e parentesco e as vivências acadêmicas interferindo nos modos destes jovens se apropriarem do território onde vivem, assumindo escolhas e modos de participar e se engajar dando ênfase às questões do bairro e da Associação dos Moradores.

Diante das observações e percepções que nos levam a enfatizar o potencial desses territórios e de como as imagens-movimento integram esses multiversos juvenis, realiza-se a I Mostra Audio-visual do Titanzinho²³. Pelo fato de não saber o que nos esperava durante os dois dias de realização, esse foi um evento aguardado com muita expectativa por todos. Alguns dias foram despendidos no trabalho de seleção dos vídeos que seriam exibidos, e a cada instante descobria-se a existência de mais e mais.

A rua do Quebramar foi o local escolhido para que as exibições acontecessem. O fluxo de pessoas naquele lugar, sobretudo de jovens, acontecia de forma muito intensa. Surfistas, crianças, senhoras, todos se aglutinaram diante da tela que não era tão grande, mas que chamava atenção de quem passava. Alguns realizadores que estavam presentes ficaram um tanto surpresos em ver como as pessoas os viam, como apontavam e falavam: “olha ele ai mora na rua ali de cima, eu conheço ele”. Percebia-se uma satisfação desses jovens ao serem reconhecidos por essas pessoas que compartilham desse território, ao verem que os vizinhos lhes viam por outra perspectiva, o de realizadores. Foi também

²³ A mostra foi realizada nos dias 09 e 10 de Dezembro de 2012.

animador, ver como esses jovens experienciaram esse momento de rever-se. Muitos falavam: “*eu não conhecia esse vídeo*” ou “*eu não sabia que o fulano fazia vídeos*”.

Fabiana, que se envolveu na produção da Mostra, traz sua percepção de como essa experiência repercutiu entre os jovens e moradores da comunidade:

Pra o pessoal da comunidade é muito importante essa questão da visibilidade. Pra eles, é importante, e mais ainda, que os vizinhos, os amigos, os familiares vejam essas produções. Acho que cada vez que eles veem essas exposições, ficam se indagando, principalmente de como vivem, do que podem fazer pelo lugar.

Considerações Finais

Ao mapear, analisar e fazer circular produções audiovisuais, que tratam de visibilizar modos de ser e habitar a comunidade e a universidade afirma-se a presença de intercessores mobilizados e mobilizadores de afetos, fazeres e saberes artísticos e comunicacionais incidindo e fazendo emergir expressões do sensível e práticas micropolíticas.

Entre os intercessores, encontramos os laços de afeto tanto de parentesco como de amizade. Na análise das falas dos jovens e ao longo da pesquisa, constata-se a relevância destes intercessores que operam para mobilizar experiências e alianças entre e com jovens. O jovem Danilo em sua fala enfatiza as relações de amizade existentes no bairro, que proporcionaram para que ele após ingressar na universidade, tivesse o desejo de pesquisar sobre sua história de vida, sobre a história do bairro. A jovem Fabiana, que também seguiu o mesmo caminho de Danilo, ingressando na universidade, afirma que foi a partir de sua participação em projetos de extensão, que começou a conhecer o seu próprio bairro. Comenta que, até o momento, o considerava como um lugar de passagem. A partir da experiência na extensão universitária ela começou a sentir e construir imagens de si e do entorno. Imagens estas que causam efeitos e relações com outro, que vão além do contato físico, perpassando o sensível, desejos e prazeres. Conviver com os vizinhos e com os espaços do bairro tornam-se presentes.

Essas experiências, entre outras, foram observadas no processo de criação e realização da Mostra Audiovisual do Titanzinho. A Mostra, se apresenta como dispositivo capaz de fazer emergir peculiaridades entre juventudes, instituições e tecnologias. Nos vídeos exibidos, essas coemergências tomaram a tela e a rua onde a Mostra aconteceu. Imagens e sonoridades mobilizadas por escolhas éticas, estéticas e afetivas que exibem o olhar atento, a estima e amizade por este território geográfico e existencial, enunciando visibilidades e dizibilidades dos modos de viver e conviver no Titanzinho. Tais experiências suscitam questões e afirmam esses intercessores e suas relações com um conjunto de

argumentos para seguir problematizando os modos de ver, ser visto e do rever-se nas telas e ruas de nossas cidades e os modos de inventar e habitar a contemporaneidade.

Referências bibliográficas

- BANDEIRA, Tayce M. F. “Escola de Mídia. Projeto da ONG Aldeia, em Fortaleza. Experiências em Educomunicação na Vida de Jovens Moradores do Mucuripe”. Monografia, defendida no curso de Jornalismo. UFC. 2011.
- BAUMAN, Zigmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
_____. **Comunidade: A busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- DELEUZE, Gilles. PARNET, Claire. **L’Abécédaire de Gilles Deleuze**. DVD 7VÍdeo. Producido e Realizado por Pierre-André Boutang. Editions Montparnasse. 2004.
- GUATTARI, F. **Caosmose**. Rio de Janeiro: Editora. 34, 1992.
GUATTARI, F; ROLNIK, S. **Micropolítica: Cartografias do Desejo**. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 1996.
- GORCZEWSKI, Deisimer. Micropolíticas da Juventude e Visibilidades Transversais: In(ter)venções audiovisuais, na Restinga em Porto Alegre. Tese de doutorado. Pós Graduação em Ciências da Comunicação. Unisinos. 2007.
_____. *et al.* **Projeto de Pesquisa: In(ter)venções audio-visuais das juventudes em Fortaleza e Porto Alegre (mimeo.)**, 2010.
- KASTRUP, V. O método da cartografia e os quatro níveis da pesquisa-intervenção. In: Lúcia Rabello de Castro e Vera Lopes Besset. (Org.). **Pesquisa-intervenção na infância e juventude**. 1 ed. Rio de Janeiro: Nau, 2008, v. 1, p. 465-489.
- NOGUEIRA, A.A. "Fogo, Vento, Terra, e Mar - A Arte de falar dos trabalhadores do mar". Secretaria de Cultura do Município de Caçapava. São Paulo. 2007.
- ORTEGA, F. Amizade e estética da existência em Foucault. Rio de Janeiro: Graal, 1999.
- PAIVA, Raquel. **Minorias Flutuantes**. Trabalho publicado nos Anais do XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Campo Grande – MS. INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. 2001.
- PASSOS, E. KASTRUP, V. ESCÓSSIA, L. (Orgs) Pistas do método da cartografia. Pesquisa-Intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Editora Sulina. 2010.
- PEREIRA, W.C.C. **Nas trilhas do trabalho comunitário e social: teoria, método e prática**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- PERUZZO, C. Comunidades em tempo de redes. In. PERUZZO, Cicília. K; COGO, Denise; KAPLÚN Gabriel (orgs). **Comunicação e Movimentos Populares: Quais Redes?** São Leopoldo: Editora Unisinos. La habana: Centro Memorial Dr. Martin Luther King. Jr.: Montividéu: Ciências de la Comunicación. Universidad de la República. 2002.
- ROSÁRIO, N. Mitos e Cartografias: Novos Olhares metodológicos na Comunicação. In. Maldonado, E. Bonin, J. Rosário, N. (Orgs.). **Perspectivas Metodológicas em Comunicação: Desafios na pratica investigativa**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2008. p. 195-220